

A Fraternidade

ORGAO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

DIRECTOR,
JOAO DE SOUSA *

SECRETARIO DA REDACÇÃO,
FRANCISCO GUINARAES *

ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)
Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.
Brasil (moeda forte) 1200 »

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º
Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão

Annuncios (Preços convencionaes)
Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade
EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

BREVEMENTE

«A Fraternidade» iniciará uma luta intransigente pela causa da classe que representa;

«A Fraternidade» tomará nova orientação jornalística, publicando sómente escriptos de propaganda;

«A Fraternidade» creará secções de critica, de instrução e de moralisação social;

«A Fraternidade», se os seus recursos lh'o permitirem, apresentar-se-ha aos leitores em publicação trimestral ou semanal;

«A Fraternidade» procurará fazer desaparecer essas questões meramente pessoas que constantemente apparecem no seio das associações e que são debatidas na imprensa, por entender que estas são contra-productentes;

«A Fraternidade» procurará, conduzir a classe á luta mais titanica e mais energica, pela conquista dos direitos que lhe são negados; e assim terá «A Fraternidade» cumprido um dever e estabelecido o principio social democratico.

«A Fraternidade», sempre que o possa fazer, introduzirá todos quantos melhoramentos julga necesarios para ser um jornal util á classe que representa—tornando-se de verdadeira opposição e combate aos desmandos e erros commettidos por qualquer entidade, para o que trata da organisação de um quadro de colaboradores independentes.

«A Fraternidade» será um jornal de combate e de propaganda;

«A Fraternidade» apreciará com a maior independencia de ideias todos quantos assumptos mereçam ser tratados nas suas columnas.

«A Fraternidade», para tornar effectiva esta orientação e esta fórma de propaganda e de combate, não póde dispensar o auxilio e appoio de todos quantos se interessem pelo completo triumpho da causa caixeiral; e, por isso, pede a todos esse auxilio, a angariação de assignaturas e a maxima propaganda das ideias que serão apresentadas por diversos colaboradores.

Notas Sigeiras

Em cavaco amen e.

Parece não ter gostado *A Luz do Commercio*, do reparo que no ultimo numero d'esta secção, fizemos, muito pela rama, ao cuidado que a questão do descanso hebdomadario no Porto por lei camara ria, lhe tem merecido.

Não desconhece a *Luz* que temos motivos para o nosso

ligeiro reparo mas diz não os ver.

Não foi nem é proposito meu azedar o cavaco a que nunca me furtei e por visão, muito á boa mente, como os amigos costumam tratar estes assumptos, veja a nossa conversa amena, como a *Luz* o deseja e como, de resto me é mais agradavel, pois na *Luz* conto com a, para mim honrosissima, estima d'alguns dos rapazes que dão a vida ao jornal e por principio algum

desejaria que pudessem ver nas minhas palavras a proposito de os ferir ainda que ao de leve.

Diz a *Luz* que até não ha ainda muito tempo, não poderia ter reclamado o descanso *por lei camararia*; é que se

missão tivesse reparos a fazer-lhe que, se em qualquer occasião seriam descabidos, muito mais depois da *Luz* mostrar orientação igual á da grande commissão.

O que não seria razoavel e a *Luz* foi a primeira a com-



RAUL DORIA

Presidente do conselho director da União dos Empregados de Commercio do Porto

poderia dar o caso de não tratar o assumpto por falta de tempo ou por entender que sem a grande commissão iniciar os seus trabalhos não seria conveniente dispensar forças muito precisas para o ataque final e d'ahi não lhe resultaria desdouro.

Ora vejâmos.

Ora por falta de tempo, comprehendia-se não tratam a *Luz* do assumpto se... o jornal não saísse habitualmente e com uma pontualidade irreprehensivel todas as semanas.

Quanto ás outras razões, deixe-me a *Luz* dizer lhe que não as vejo pelo mesmo prisma e entendo que, desde o dia 26 de janeiro de 1906 em que a grande commissão resolveu lhe fosse presente pela União um relatorio no sentido de se reclamar o descanso *por lei camararia*, podia perfeitamente a *Luz* ir preparando o terreno sob esse ponto de vista sem que a grande com-

prehendelo era ter publicado o relatorio da união, antes do mesmo ter sido apresentado á grande commissão.

A *Luz* publicou-o depois da apresentação feita e ainda a fórma como o fez não deixou de estar d'accordo com a sua anterior propaganda em prol do descanso por lei camararia.

De resto, não comprehendo como se dispensassem forças muito precisas para o ataque final, com a simples propaganda, a nosso ver muito justa e... pouco trabalhosa.

Eis o meu modo de ver, exposto muito á boa mente a um jornal onde conto com a estima d'alguns dos rapazes que lhe dão a vida e ao qual me sinto preso por laços de muito affecto pois n'elle publiquei os meus primeiros escriptos e collaborei assiduamente n'outros tempos em que era maior a falha de original para que o jornal saísse.

N'esse tempo, tinha bocca e soprava como podia. Agora tenho bocca mas...

Para que prolongar mais o nosso cavaco ameno? Se o illustre secretario da redacção da *Luz* quizer uma explicação ao *mas* que acima deixo escripto alguém lá na casa lh'a poderá dar.

Ahi fica em ligeiras linhas escriptas muito á boa mente, a razão do meu leve reparo n'esta secção feita e todas as mais que de mim deseje estou sempre prompto a fornecer-las sem azedumes e como estes assumptos se tratam entre amigos.

Descanso dominical. O dedicado correspondente de Braga para a *Luz do Commercio* não tendo comprehendido bem o nosso ultimo escripto n'este jornal acérca do descanso insurge-se contra a orientação da grande commissão do descanso julgando ser esta a de nomeação do ultimo congresso da classe.

A illustre redacção da *Luz* encarregou-se em nota de esclarecer o seu correspondente e a meu ver melhor teria sido se lhe tivesse poupado o dis-sabor de mostrar ao sr. A. de Sousa, que, embora as palavras *descanso dominical* lhe mereçam preferencia a todas as litteratices e banalidades que infelizmente tanto abundam na imprensa da classe (e n'isso, creia, estamos d'accordo) não foi tamanha a sua vontade de ver, que levasse o collega A. de Sousa que eu não tenho o gosto de conhecer, a ler o relatorio que a grande commissão do descanso apresentaram os delegados da união, se não, logo teria visto que estava em erro.

Diz o collega que sempre condemnou a postura camararia para o descanso dominical porque nunca julgou isso viavel e que pudesse ser extensivo a todo o paiz.

Ora o collega está em Braga e nós no Porto.

Ahi, o encerramento está ainda a germinar.

Aqui está a—apodrecer.

Ahi, perdendo-se o que está feito, não é tamanha a perca como cá no Porto, porque, se após nove annos de encerramento, embora parcial, o Porto reabrisse, era um tremendo travão para a almejada lei do descanso.

A grande commissão, depois de discutido o caso mas a valer, resolveu appellar para a camara por ideia do patriótico Clubs Fenianos Portuenses, porque o encerramento aqui ameaça ruina e entendeu ella e muito bem, que já não fazia pouco salvando da derrocada a obra que estava feita.

Não o entendeu assim o collega bracarense? Paciência.

Nem todos d'ahi serão do mesmo parecer e que o sejam não temos que questionar a fórma como cada qual queira encarar os factos.

Quanto ao modo como o collega A. de Sousa aprecia este assumpto, devemos para a sua analyse, levar-lhe em linha de conta que... confun-

diu as commissões e tomou assim a nuvem por Juno.

Se o collega quer saber alguma coisa acérca das communicações do congresso, queira dirigir-se aos presados collegas do *Caixeiro*, muito maciamente, já se vê, porque esses bons rapazes que ainda ha pouco estavam tão senhores das suas pessoas, estão agora escamados como uma barata!

Dizem uns que por causa do calor que de repente assaltou a todos nós; que por motivo de não quererem em Lisboa os nossos garbosos fenianos e ainda alguns que devido aos... amigos de Peniche.

A verdade elles a sabem, e, se lhe dizemos para que se dirija ao *Caixeiro* é porque de pessoas que constituíam a sua redacção mais que ninguém o podem informar do assumpto.

Raul Doria—Assumi o logar de presidente da direcção da união dos empregados do commercio do Porto, este meu velho amigo a quem apresento as minhas saudações de viva sympathia.

Espirito liberrimo, activo e emprehendedor, Raul Doria é um homem que se destaca n'este meio infeccioso em que cada qual só cuida do seu bem estar e assim o vemos agora dedicar uma valiosissima parcella da sua actividade em favor da nossa união e com prejuizo dos poucos momentos de descanso que os seus muitos, affazeres lhe permitem gosar.

Não lhe dou os parabens pelo logar cheio de responsabilidades que lhe foi confiado mas felicito a união pelo bom presidente que elegeu e faço votos porque a sua gerencia seja prospera e norteie a classe no sentido de a aperfeiçoar chamando-a á sua associação e tornando-a concededora dos seus deveres.

Porto, 11 de junho. Arthur.

Impressões e aspectos—Factos e coisas

(Conclusão do n.º 31)

Caiu o governo regenerador e foi chamado o sr. João Franco.

Muito bem! Mas pergunto en: quem deitou abaixo esse grande estadista, esse talentoso parlamentar Hintze Ribeiro?

Foi o seu estado precario de saude? Foi a **celeberrima** questão dos tabacos?

Alguns jornaes assim o notificam; eu, porém, não o creio e vou-me justificar: Desde que esse homem tomou as redeas do poder, e durante tão curto espaço de tempo, praticou toda a casta de proezas, que apenas serviram para o fazer precipitar no abysmo.

Principiemos: Ao assentar-se nas cadeiras do poder suspendeu, d'uma fórma bem critica, a expedição que se preparava para embarcar a tirar uma desforra completa da nodosa ensanguentada que tinha enlutado a nossa historia; deu motivo á in-

subordinação dos dois vasos de guerra D. Carlos e Vasco da Gama, e atirou cobardemente com os sublevados para as paragens africanas; não attendeu ás supplicas da classe dos caixeiros, pedindo o descanso dominical obrigatorio; ordenou café e vilmente á policia que, de sabres em punho, destroçasse a torto e a direito quem fizesse manifestações, na estação do Rocio, á chegada do illustre deputado Bernardino Machado.

E a policia devidamente autorizada—pois tinha recebido ordens!—massacrou barbaramente o povo indefezto, socegado e que se mantinha na melhor ordem.

Isto é revoltante, é indigno, é descer ao mais baixo grau da moralidade, da justiça e do dever!

Pois precisamente os primeiros que deviam intervir na manutenção da ordem, são a provocar a desordem; aquelles que deviam acalmar os espiritos, são os primeiros a excitá-los; aquelles que tinham por dever serenar os animos são exactamente esses que os vêem avivar d'uma fórma torpe, cobarde e traiçoeira!

Eis, portanto, o rosario de perversidades que em tão pouco tempo surgiram n'uma atmosphera de vingança. Mas isto ainda não é tudo, ha mais, muito mais!...

Nesta conjunctura e á vista d'esta serie de factos tão monstruosos, a situação do governo era grave, era difficilissima, embaraçosa e séria.

Atirou com a carga ao ar como se o pezo d'ella fôsse minorar o pezo do remorso que o avassallava!

Mas não! Os seus crimes estão bem persistentes e inflexiveis sob o costado dos seus auctores.

O chefe do governo viu-se entre as dez e as onze! Para melhor se avaliar a sua grande atrapalhação basta lêr-se o seguinte que transcrevo do importante diario republicano—«O Paiz»—do dia 14 do corrente:

Pavor da sombra.—Sucedem-se as conferencias do chefe do governo com os chefes das forças mantenedoras da desordem. Os srs. Malaquias, Moraes Sarmiento e juiz Veiga andam n'uma roda viva. Ordens, contraordens, o tumbre do telephone sôa a toda a hora. O Serodio deita os bofes pela bocca fóra á procura da hydra que nem uma cabeça tem.

Hintze não dorme, sonha acordado; vê em phantasmas as victimas dos seus crimes a increpal-o, a despertarem-lhe o remorso.

Hintze tem o pavor da propria sombra!

Nos picaros d'uma montanha ingreme e alcançada, onde existe o castello d'esde a fundação do mundo e da construção da terra, realison-se, d'harmonia aos annos anteriores, a festa á santa do mesmo nome. Foi no dia 24 que essa santa teve a visita dos seus filhos, a quem contemplou com olhos piedosos, a quem dirigiu os seus sorrisos meigos, como que querendo fa-

lar-lhes ao coração em prova do seu reconhecimento. Mas não era preciso, pois a crença divina augmenta, engrandece. E, precisamente por isso, impunha-se nos nossos sentimentos religiosos o dever de visitar Aquella que vive sósinha, abandonada e desamparada, tendo unicamente como companhia o bramir doce das fêras, o cantico dos pastores com seus rebanhos, o gorgear suggestivo e melodioso das colovias, o sibilar do furacão, os raios tepidos do sol beijando-a ternamente, a luz pallida do luar vestindo-a côr de prata e adornando-a de lentejoulas scintillantes; e todas as notas entusiastas da Natureza Omnipotente...

Comquanto na vespera e antevespera estivessem uns dias de verdadeiro inverno, aquelle apresentou-se formoso e quente, dando a comprehender um milagre operado no seio d'atmosphera. Evidentemente.

A commissão dos festejos, nos programma's que fez espalhar, dirigia um appello á classe commercial para, em conformidade com os annos transactos, encerrar os seus estabelecimentos, dando portanto um dia de recreio aos seus empregados.

Com effeito, no dia e a horas precisas, o commercio tinha fechado, pelo que são dignos dos mais rasgados elogios todos aquelles que assim procederam dando a demonstrar os seus briosos caracteres e pondo em relevo a lembrança de quando estavam em circumstancias ignaes aquellas em que hoje se encontra o caixeiro. A classe d'estes partiu toda para a festa. Chegada ao local—é claro—a monotonia que alli existia tomou novas proporções d'entusiasmo, novos aspectos d'alegria! A certa altura da tarde a rapaziada resolveu fazer *uma grande festa*... com os *Zês Peireiras*. Dito e feito! Cada um arranja o seu zabumba, fórma-se quadrado e zás! Mas, d'alli a pouco, e quando se estava tomando o verdadeiro gosto ao chinfrim—oh! maldição!—um cavalheiro manda parar a *musica* usando estas phrases que ainda ouço nos tympanos: *Nem mais!*

Não houve o menor protesto da nossa parte, devido á boa educação e á brandura dos costumes de todos os que se presam.

O que, porém, não pôde passar sem uma critica meramente energica é o procedimento d'um negociante d'esta praça que tendo feito mysterio do assumpto, andou pelos estabelecimentos, onde haviam caixeiros que tinham tomado parte, a accusá-los aos seus patrões, d'uma fórma indigna e falta de senso commum. Mas o que é certo, é que d'alguns recebeu umas respostas que pouco o satisfizeram, por que comprehendem o que é a mocidade, á juventude.

Quem suppõe que vae criticar, vem criticado. E' logico.

Por hoje limito-me a isto, mesmo porque já vae sendo bastante enfadonho, e o amigo João de Souza não está para aturar as minhas impertinencias.

Arcos, 25—5—906.
Joaquim Lima.

Carta do Porto

Horas de trabalho-União dos Empregados do Commercio.—Raul Doria.

No penultimo numero d'este quinzenario, cortejo á redacção, dedicava um artigo ás quatro artes de construcção civil felicitando-as pelo novo horario. Pertencendo a uma classe, que tambem aspira a uma grande redução nas horas de trabalho,partilho d'essas felicitações fazendo votos de que em breve o dia de 8 horas seja uma realidade, o que não é uma utopia, em face do horario adoptado n'esta cidade para as mesmas artes.

De Novembro a Março trabalham 8 horas e meia ou seja das 7 ás 5 com hora e meia de refeições!

Repisem n'este exemplo os caixeros, sobretudo aquelles que trabalham 16 a 17 horas e sahem quinzenalmente com 5 a 6 horas de passeio!

Não conheço classe, depois dos mineiros, mais opprimida do que esta e mais digna de compaixão!

Os mineiros actualmente estão melhor porque tem sabido impor-se aos governos. Os caixeros, cujo regimen só tem reparação com o das bestas de carga ou da penitenciaria, continuam desunidos, vegetando n'uma ignorancia profunda; e francamente já é tempo de os começar a educar e de lhes inculcar o sentimento da solidariedade e de revolta contra a estúpida rotina que os considera abaixo das bestas!

A policia e a sociedade protectora dos animaes multam rigorosamente os carreteiros que sobrecarregam demasiadamente os animaes! Mas não tem havido quem metta na cadeia os patrões barbaros e deshumanos que carregam bestialmente os marcanos com pesos superiores ás suas forças!

Ninguem tem obrigado a Junta de saude a visitar os dormitórios d'algumas casas onde a saude e a vida dos empregados corre perigo.

Ninguem tem conseguido nem conseguirá caisa alguma se os interessados não se filiarem na Associação de classe e se não procurarem educar-se nos principios e ideias associativas.

A união é muito mas a instrucção e educação é tudo.

União nos Empregados do Commercio.—Depois da sessão de posse que correu brillantemente, á qual não assisti tendo justificado a minha falta em carta remettida ao presidente da sessão, o novo conselho director já reuniu duas vezes, sendo as suas resoluções mais importantes as seguintes:

Elaborar o regulamento interno.

Promover um passeio de recreio ao Bussaco obter serviço medico gratuito para os associados.

Officiar aos delegados da grande Comissão de Descanso.

Divisão dos trabalhos associativos da seguinte forma:

Direcção e fiscalisação geral.—Raul Maria e Evaristo Augusto Leite Ribeiro.

Expediente e socios.—Amilicar Cesar.

Propaganda e noticiario.—Baptista Junior.

Tuna e buffete.—Antonio Pessoa.

Escola e fogos.—João Magalhães.

Bibliotheca e gabinete de leitura.—João Gonçalves.

Nomeação mensal d'um director cabendo este mez ao meu presado collega e amigo João Magalhães.

Tambem foi resolvido redigir uma declaração — programma sobre os trabalhos e opiniões do mesmo conselho sobre diversos assumptos relativos á classe.

Raul Doria.—Chegou de Paris onde como disse tinha ido em viagem de estudo, sendo aprovado na ultima sessão do Conselho Director da União um voto de congratulação pelo seu feliz regresso.

Raul Doria agradecendo declarou prestar as maiores atenções pelos interesses associativos e collectivos e manifestou a grande sympathia que lhe merecem todas as causas justas como a que defendem os caixeros.

Em nome dos interessados recebe Raul Doria a homenagem da mais sincera gratidão pelos bons serviços que presta á nossa classe.

Partiram para as Caldas de Molêdo João de Azevedo e Eugenio Villares, dois bons amigos da infancia a quem desejo o melhor proveito do uso de tão afamadas Caldas.

10—6—1906.

Baptista Junior.

Melhoramentos...

Para as classes trabalhadoras, promette-os, no seu programma de governo, o sr. João Franco; e prometteu-os tambem o rei, no discurso da crôa.

De entre as classes trabalhadoras, destacando-se, pelo numero e pela aspiração de se emancipada, a classe dos caixeros é a que de muita protecção precisa.

É será o sr. João Franco o homem publico que fará a emancipação da nossa classe, dando-lhe o descanso dominical?

É será o sr. João Franco que implantará a liberdade do caixeirato?

... Será... Mas este «será» é a duvida. Por que, de taes esperanças que temos feito alimentar com os promettimentos dos ministros, nenhum ainda teve confirmação.

E não durmamos em face de mais este promettimento. Devemos continuar a reclamar energica e persistentemente os nossos direitos e iremos... até onde preciso seja...

Se precisamos de organisação politica para que as nossas reclamações sejam ouvidas, porque não tratamos d'ella?

Correspondencias

Setubal, 2.

Pelas 8 1/2 horas da noite de 27 de maio ultimo, realison-se na séde da nossa Associação de Classe, uma reunião da assembleia geral, para apresentação do relatorio e contas do anno findo, e, eleição de meza da assembleia geral.

Prezidiu o nosso illustre collega Joaquim Brandão, secretario pelos collegas Manoel Mattos Paulo e Manoel Lourenço Carqueijeiro.

Aberta a sessão, o collega presidente expõe quaes os fins para que havia sido convocada a reunião, e, apresenta á assembleia, uma commissão do delegado da classe dos barbeiros.

Os commissionados depois de exporem á assembleia o motivo que alli os levavam como delegados de uma classe que traz entre mãos uma questão tão importante como é a do encerramento dos seus estabelecimentos ao domingo, ao cair das 4 horas da tarde. Pediram á classe todo o seu apoio moral e material para mais facilmente conseguirem o que ha mezes vinham pedindo.

Responden lhes o collega presidente em nome da classe local, dizendo estarem os caixeros solidarios com a classe dos barbeiros, e que lamentava que alguns barbeiros tenham procedido de fórma pouco correcta, para com a maioria dos seus collegas.

N'esta altura o collega Luiz Silveira propõe para que seja nomeada uma commissão, para que, de commum accordo com os barbeiro, exercerem a maior vigilancia sobre os renitentes.

Foi approved; ficando a commissão composta do propoente, Antonio Jacintho Carvalho, e Joaquim Otero.

Terminado este assumpto que por vezes esteve acalorado, uzou de novo da palvara o collega Silveira, expôs á assembleia o projecto da excursão á villa de Vendas Novas..

Sobre este assumpto falaram ainda alguns collegas, ficando resolvida uma commissão de 5 collegas para tratarem de levar ávante a excursão.

Passando á ordem da noite o collega presidente mandou ler o relatorio e contas da gerencia de 1905 a 1906 o qual accusa o resultado seguinte — receita 2715875 réis e despezas réis 2465390, resultando pois como se deprehende um saldo de réis 255485 a favor do cofre.

Sobre o movimento de associados accusa actualmente 123 e tendo sido d'esde 31 de março de 1905 a 31 de março de 1906 admittidos 73 e eliminados 49.

Terminada a leitura do relatorio procedeu-se á eleição da meza da assembleia geral a qual deu o resultado seguinte: eleito para presidente Joaquim Brandão, «reeleito» vice-presidente, Antonio Campos Junqueiro 1.º secretario Manoel de Mattos Paulo (reeleito) 2.º secretario João Baptista Pissarra, 1.º vice-secretario Antonio Candido Cortez, e vice-secretario Domingos Corrêa Ribeiro.

Por ultimo não havendo mais nada para tratar foi encerrada a sessão, eram 11 horas da noite.

Em conformidade, com as deliberações tomadas na reunião realisada na séde da nova associação de classe no proximo passado dia 27 de maio, reuniu de novo no preterito domingo 3 do corrente em assembleia geral a nossa florescente aggregiação.

Constituindo a meza como na reunião anterior, á excepção do 2.º secretario, o nosso illustrado collega Joaquim Barrozo, declara aberta a sessão expondo á assembleia os fins para que elle fóra convocado que era discussão do relatorio e contas da gerencia do anno de 1905 e eleições de novos corpos gerentes e conselho fiscal.

A seguir manda ler a acta da anterior sessão a qual foi approveda sem discussão.

Passou a seguir á discussão do relatorio e contas o que foi approvedo depois de breves explicações.

Tomou depois a palavra o nosso estimado collega Luiz Silveira o qual demostra com bastante proficiencia e em termos claros sinceros a inconveniencia de se poder realisar no proximo domingo 14 a projectada excursão á villa de Vendas Novas: dizendo não ser por inacção da commissão nomeada para levar a cabo a excursão e da qual elle orador faz parte mas sim por ser n'este mez que ha um dia em que os estabelecimentos não abrem n'esta cidade e ainda porque o dia 14 coincidir com o dia das festas de Lisboa para onde muito naturalmente iria uma grande parte dos nossos collegas e por isso lembra a conveniencia para que a excursão se realise no proximo dia 15 de agosto futuro.

Seguem-se ao uzo da palavra e na mesma ordem de ideias, o auctor d'estas humildes linhas. Findo o qual foi posta a votação a proposta do collega Silveira sobre o adiamento da excursão, sendo approvedo por unanimidade.

Fala por ultimo o collega Antonio Jacintho Carvalho, que propõe para porta-estandarte perpetuo da nossa florescente collectividade, o nosso amigo Tobias Leocadio Xavier. E' approvedo.

Entrando-se na ordem da noite, procedeu-se á eleição da direcção e conselho fiscal, a qual deu o resultado seguinte: para presidente, Luiz Lopes da Silveira, vice-presidente, Leonardo dos Santos Borges, 1.º secretario, Manoel Lourenço Carqueijeiro; 2.º secretario, Augusto Ferreira d'Oliveira; thezoureiro, Antonio Jacintho de Carvalho; (reeleito), Substitutos, Antonio Adriano Corrêa da Fonseca, Joaquim F. Otero, José Luiz Cavaco, Honorato Antonio, João Francisco Nunes; Conselho fiscal, José Alves de Carvalho, José Elias Callado Xavier, Joaquim Ferreira Passos.

Terminado o escrutino, faz de novo uzo da palavra o collega Carvalho que diz congratular-se por vêr á frente da nossa associação de classe um nome por

todos querido e estimado como é o de Luiz Silveira.

Sobre o mesmo assumpto faz ainda algumas considerações o collega Brandão, findo os quaes encerrou a sessão.

Aniversario. — Completa no proximo dia 21 o seu trigessimio anniversario natalicio o nosso querido amigo e illustrado collega actualmente José Luiz Cavaco.

Que este dia se repita por muitos annos são os nossos ardentese desejos.

A. V. E.

Lamego 15 de maio

(Particular)

Não lhes deve ser extranho, que os empregados do Commercio Lamecences convocaram uma reunião em 11 de Fevereiro proximo passado, afim de tratarem de diversos assumptos referentes á Classe. N'essa mesma reunião resolveu-se enviar um officio á Associação Commercial, pedindo-lhe obsequiosamente, para nos ser concedido o encerramento, aos domingos, das 3 horas em diante.

Este officio foi entregue á Dig.^{ma} Direcção da dicta Associação, o qual foi muito bem accete por todos, resolvendo, logo, em sessão, attender o pedido com a maior satisfação possível. Afinal passa-se uma semana, um mez, e nada de novo. Porém, soube-se que em uma das ultimas sessões voltou outra vez á discussão o referido officio, resolvendo elles, então não aderir a tal pedido isto é, resolveram o contrario do que tinham promettido.

Vê-se aqui, que entraram alguns caturras a entregar-nos, para elles se desdizerem. Mas afinal não sei quaes as razões para assim procederem. Porque lhes faça differença o fecharem aos domingos, unicamente tres ou quatro horas, occasião em que não ha movimento algum? — não! — Porque das tres horas em diante nos estabelecimentos não apparece mais viva alma.

Vê-se que é simplesmente um mau humor da parte dos patrões. Mas, se não estão resolvidos a fecharem os seus estabelecimentos dignem-se dispôr ao menos de uma ou duas horas aos seus empregados afim de irem tomar ar puro para augmento de sua saude, após seis dias de trabalho excessivo. Está um triste empregado prêsso ao balcão uma semana, um mez, emfim, mezes seguidos; e em vista disso terá ou não direito a uma ou duas horas de distracção?

Pois se tem?! Mas, já todos sabem que a classe dos caixeiros em Portugal é uma escrava. Não se conhece classe alguma mais incommunicavel do que esta, todo o seu trajecto de vida é indiscutivel. Deus determinou o dia e a noite: o dia para trabalhar, a noite para descansar.

Determinou tambem os dias santificados para o genero humano ter as suas distrações, e não estar só sujeito ao trabalho.

Esses dias são guardados e festejados por todos, excepto pelos caixeiros, porque estão sempre no mesmo posto presos ao balcão.

Não haver união geral para termos força de levantarmos um brádo, afim de conseguirmos aquillo que de direito nos pertence!

Importantes collégas andam empnhados n'essa missão trabalhando activamente. Oxalá saíam bem d'ella, que serão cobertos de louvor por tão grande beneficio que vêm prestar á classe. Não descansem collegas do Porto e Lisboa, auxiliem a sua classe, que merecerão sempre o apoio e estima dos seus collegas em geral.

Um collega e assignante.

Villa do Conde, 25.

A causa da Liberdade

É o nome verdadeiro que deve dar-se a esse grande emprehendimento da classe caixeiral portugueza, na conquista do descanso dominical.

Essa aspiração justa, para a qual todos devemos, á purfia, dedicadamente, empregar o melhor dos nossos esforços e o maior dos nossos sacrificios, é, positivamente, uma santa causa e uma sublime cruzada.

E quem o contesta?

Ninguem de coração, pois é certo que o caixeiro portuguez, trabalhando sempre incessantemente, n'um labôr que o atrophia e consome, é um ente olhado com compaixão por todos aquelles que teem alma, que chora pelas dôres alheias.

O escravo que vive para o soffrimento, que é o trabalho insano de quem trabalha sempre e nunca descança, elle impõe-se ao respeito e maxima veneração de todos; e, porisso a classe de caixeiros, n'um grande movimento em que todos, *mas todos!* se confaternissem para a mesma ideia, n'uma lueta em que expandissem as justissimas aspirações a que teem jus, talvez lhes fosse mais facil conquistar esse grande ideal: o descanso ao domingo.

Amamos a liberdade e gostamos de todos os movimentos progressivos; e muito principalmente, quando elles traduzem a expressão d'uma ideia alevantada e nobre, e por esses mesmos principios de liberdade e progresso, de religião e de moral, são impostas as justissimas pretensões de nossa desprotegida classe.

Quem não ha de attendel-as?

Quem as não apoiará, se ellas traduzem facilmente o sentir de quem aspira a uma causa justa e verdadeira?

Quem ignora o estado e o viver de gruilheta, desgraçada do caixeiro? Ninguem.

Todos sabem o que elle sofre juntemo-nos e brademos alto, bem alto, e o nosso appello de opprimidos será auxiliado por todos os que trabalham, porque tambem somos trabalhadores, mas sem descanso, sem treguas! Mostremos que a civilização e o progresso, a liberdade e a moral, exigem que seja attendida a nossa causa!

Em artigos subsequentes, meus caros collegas, batalharei sempre para que nos animemos com coragem para a conquista do nosso ideal.

Pela causa Sancta!

A. Lopes.

Olhão

Escrevo-lhes da minha alcova. Deram agora dolorosamente doze horas da noite. Tudo repousa, tudo descansa, tudo dorme, mas nós os escravizados do balcão velamos até allas horas da noite. E é n'este silencio do meu pobre quarto, á luz pallida de uma véla prestes o apagar-se, que eu escrevo para a sympathica «Fraternidade». Encetando assim as minhas correspondencias, para este novo e denodado campeão, que evoluciona a classe para o bem.

Por isso cumpre-me felicitar calorosamente essa distincta redacção, que se acha animada e cheia de fé, de esperanza e de vigor para a lueta, animada pela razão que nos assiste, crenças no «ideal» que ambicionamos, «O Descanso Dominical». Ah! Liberdade sonho bendito, aspiração grandiosa, quando virás tu iluminar, a nossa tão escravizada existencia. Basta de embustes de mentiras! Oh! Não! Não, nos illudam por mais tempo.

—Pensa-se em realizar uma excursão dos caixeiros de Olhão, Faro e Fuzeta. Oxalá, que ella se chegue a realizar.

Monsanto Honrado.

Eccos da quinzena

Leite Gomes

Finou-se, ha dias, em Cabeceiras de Basto, este que em vida foi um acerrimo propagandista da causa dos caixeiros.

Fundador e director da extincta associação de Cabeceiras, fundador, tambem e redactor dos quinzenarios de classe, tambem extinctos — «A Folha dos Caixeiros» e «União», de Cabeceiras, Leite Gomes affirmou-nos sempre vontade e dedicação pela causa da nossa classe. Estabelecido, continuou o mesmo propagandista: — continuou a ser o mesmo defensor das nossas regalias!

«A Fraternidade», em que collaborou o finado, presta as suas condolencias á familia do morto e desfolha petalas da mais intensa saudade sobre a campa do malogrado amigo do caixeirato.

Leopoldino Rainha

A este nosso presado assignante da Povoia de Varzim e intelligente pharmaceutico, e familia, enviamos sinceros pesames pelo fallecimento de sua extremosa mãe.

Grupo Gil Vicente

Está de novo organizado este excellente grupo dramatico musical, que tantos applausos tem merecido do publico barcellense.

No ultimo domingo, mimo-seou-nos com um excellente espectáculo, levando á scena a comedia em 5 actos «O genero do Caetano», diversos monologos e «Uma serenata d'amor». O desempenho, por parte de todos, foi excelente; motivo por que felicitamos o sympathico grupo.

Vae entrar a ensaios um excelente drama, que será levado á scena nos theatros de Ponte do Lima e Vianna.

Congresso internacional

Por falta d'espaco, não publicamos hoje as conclusões d'este congresso.

Chronica litteraria

Por absoluta falta d'espaco, fica de fóra uma Chronica litteraria de um nosso amigo, ao que muita desculpa lhe pedimos.

Canção da felicidade

Felicidade! Felicidade!
Ai quem m'a dera na minha mão!
Não passar nunca da mesma idade,
Dos vinte e cinco, do quarteirão!

Morar, mui simples, n'alguma casa
Toda cauada, defronte o mar;
No lume ao menos, ter uma brazza
E uma sardinha pra n'ella as ar...

Não ter fortuna, não ter dinheiro,
Papeis no Banco, nada a render;
Guardar, podendo, n'um mealheiro
Economias, p'ro que v'er.

Ir, pelas tardes, até á fonte
Ver as pequenas a encher e a rir,
E ver entre ellas o Zé da Ponte
Um pouco t'rito quas a cair.

Não ter quiméras, não ter cuidados
E contentar-se com o que e seu,
Não ter torturas, não ter peccados,
Que, em se morrendo, vae-se p'ro céu.

Não ter talento: sufficiente
Para na vida saber andar,
E quanto a estudos, saber sómente
(Mas ai sómentel) ler e contar.

Mulher e fi host! A mulhersinha
Tão loira e alegre, Jesus! Jesus!
E, em nove mezes, vel-a choquinha
Como uma pomba, dar outra á luz.

Oh! grande vida, valha a verdade!
Oh! grande vida, mas que illusão!
Felicidade! Felicidade!
Ai quem m'a dera na minha mão!

Antonio Nobre.

Reservistas

Fala-se em que vão ser chamados á fazer exercicio os soldados da segunda reserva.

"A FRATERNIDADE"

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ca. 110 Lus.